

Orientação de Estágios Pedagógicos: Avaliação Formativa *Versus* Avaliação Somativa

Ágata Cristina Aranha*

Resumo

Muitos dos problemas que se levantam no decorrer dos Estágios Pedagógicos, passam pela avaliação e classificação dos estagiários, levando estes e os orientadores a caminharem uns contra os outros e não a par uns dos outros. O ideal seria que fossem solidários e cooperantes, e exercessem um trabalho de equipa, com o objectivo de atingirem a mesma meta: profissionalização/eficácia pedagógica.

Na verdade, onde mais se sente esse problema é na classificação final dos estagiários. Empregamos intencionalmente o termo classificação. É que muitas vezes confunde-se avaliação com classificação e esta indefinição só vem reforçar a ideia que os estagiários têm dos orientadores, quando dizem que estes são mais avaliadores do que orientadores.

Seria bom que cada um de nós, orientadores de Estágios Pedagógicos, quando, no fim de um ano lectivo, atribuimos uma nota final, reflexo da actividade do estagiário, parássemos para reflectir um pouco e questionássemos: em que é que eu contribuí para que esta nota pudesse ser melhor?

A resposta a esta questão situa-se numa melhor aplicação da avaliação formativa. Com efeito, esta distingue-se, de forma bem clara, da avaliação somativa, e as duas distinguem-se de classificação.

* Universidade de Trás-os-Montes e Alto Douro (Assistente).
Boletim SPEF, n.º 7/8 Inverno/Primavera de 1993, pp. 157-165.

1. Introdução

Quando falamos em Estágio Pedagógico esquecemo-nos, muitas vezes, que tanto os orientadores como os estagiários têm um objectivo comum: a profissionalização. Outra lacuna que acontece com exagerada frequência é esquecermo-nos de que estamos a preparar futuros colegas e que, por isso, devemos ter toda a preocupação em que eles pratiquem um ensino eficaz. Por sua vez, os estagiários deviam preocupar-se em preparar-se para um dia serem, tanto quanto possível, professores eficazes. Assim, a eficácia pedagógica, que devia ser a principal preocupação de ambos, passa a ocupar um plano secundário na tarefa quer de orientadores quer de estagiários, passando os primeiros a ser meros avaliadores dos segundos e estes a desempenhar mais uma tarefa, obrigatória, da sua licenciatura, onde a nota final é o mais importante.

Na verdade, a avaliação é uma tarefa integrante da função dos orientadores de Estágio Pedagógico. No entanto, não nos devemos esquecer de que ela não é a única e principal preocupação dos orientadores. O mais importante é saber tomar as decisões mais correctas, perante as informações recolhidas através da avaliação.

Com efeito, durante o processo de estágio encontramos dois tipos de avaliação distintos, mas que se completam: a avaliação formativa e a avaliação somativa.

A avaliação formativa é fruto de uma observação cuidada e sistemática, pelo orientador, das tarefas do estagiário. Esta observação permite ao orientador recolher informações acerca da actividade do estagiário, detectando os seus erros e inteirando-se das suas capacidades e dificuldades em desempenhar as actividades pedagógicas. Deste modo, com base na informação recolhida, o orientador pode fornecer ao estagiário um conjunto de opções que o ajudem a melhorar o seu desempenho. Assim, esta avaliação permite ao orientador tomar decisões sobre a sua intervenção e ajudar o estagiário a obter êxito nas suas tarefas.

A avaliação somativa surge no final do processo, e pretende avaliar o produto, e não constitui a base de trabalho e a principal preocupação quer de orientadores, quer de estagiários. É certo que esta avaliação permite classificar o estagiário, ou seja, atribuir-lhe uma nota final. No entanto, ela não deve ser confundida com classificação, deve sim ser o reflexo de todo um trabalho que teve em vista o aperfeiçoamento do processo e conseqüente melhoria do produto. A avaliação somativa não é apenas o culminar das funções de todos quantos participaram no processo de estágio, mas sim aquela que nos permite comparar os objectivos definidos com os atingidos (produto), reflectindo, de algum modo, o (in)sucesso do processo de estágio.

Os pontos que se seguem têm por objectivo tornar mais clara a diferença entre avaliação formativa e avaliação somativa, bem como a diferença existente entre estas e classificação. Assim, vamos começar por

definir avaliação, após o que definiremos avaliação formativa e avaliação somativa. Terminaremos esclarecendo a diferença entre avaliação e classificação.

2. Avaliação

A avaliação pode ser definida como um processo sistemático de determinar a extensão em que os objectivos educacionais foram alcançados pelos alunos. O que se avalia são as metas de aprendizagem definidas à partida e para as quais se caminhou durante todo um processo de aprendizagem levado a cabo pelo professor e pelo aluno (Domingos *et al*, 1987).

Com efeito, a avaliação é um elemento inerente a qualquer processo de ensino-aprendizagem. Quando um estagiário está a treinar para ser professor, sob a orientação de um orientador, podemos dizer que estamos perante um processo de ensino-aprendizagem, em que o primeiro é o aluno e o segundo o professor. Assim, também neste processo vai estar sempre presente a avaliação.

A avaliação pressupõe uma observação sistemática dos comportamentos que queremos avaliar e, para isso, é necessário que se conheçam os objectivos educacionais, previamente definidos, de modo a podermos verificar qual a evolução conseguida. Porém, desde que se inicia o processo de ensino, até que este acaba, é necessário recolher informações que permitam tomar decisões relativamente às correcções que se vão fazer, ou seja, ao feedback que se vai transmitir, tendo em vista modificar o nível do comportamento detectado, melhorando-o.

É nesta perspectiva que enquadrámos a tarefa do orientador. Na verdade, seria de pensar que ao longo de todo o processo de estágio ele recolhesse informações relativamente ao nível e capacidades dos estagiários, para, a seguir, fornecer um conjunto de soluções que possam ajudar estes últimos a desempenhar, de forma mais eficaz, a sua actividade pedagógica. Em suma, pressupõe-se que o orientador oriente, efectivamente, as tarefas dos estagiários, tendo em vista o sucesso do produto.

Surge, então, a dúvida: como é que eu posso exercer a tarefa de orientação dos estagiários de forma mais eficaz?

A resposta a esta questão passa pelo que temos vindo a referir. Em primeiro lugar é necessário estabelecer e definir os objectivos que se pretendem alcançar no final do estágio. Em segundo lugar é necessário observar e avaliar a actividade do estagiário, recolhendo informações que nos permitam identificar a distância a que o candidato a professor se encontra dos objectivos previamente definidos, para, a seguir, fornecer um conjunto de soluções que possam diminuir essa distância.

Como recolher as informações que permitam tomar decisões relativamente à orientação dos estagiários?

A avaliação formativa vem ajudar-nos a resolver esta questão. Com efeito, este tipo de avaliação tem lugar ao longo de todo o processo de estágio, e não tem como objectivo a classificação da actividade que observamos e avaliamos, mas sim a recolha de informações que permitam identificar os erros, as carências e as dificuldades dos estagiários, ou seja, permite-nos detectar as suas capacidades e o seu nível de desempenho.

Vejam, no ponto seguinte, de forma mais clara, a que se refere esta avaliação.

3. Avaliação formativa

A avaliação formativa pretende determinar a posição do aluno ao longo de uma unidade de ensino, no sentido de identificar dificuldades e de lhes dar solução (Ribeiro, 1989).

Ao longo de todo o processo de estágio, que vai ser a nossa unidade de ensino, sempre que observamos a actividade dos estagiários, estamos a avaliar o seu desempenho, estamos a recolher informações, ou seja, estamos a proceder a uma avaliação formativa. É, normalmente, nestas alturas que se geram as grandes polémicas. Muitas vezes, o orientador limita-se a avaliar, com fim classificativo, a actividade dos estagiários e, quando muito, refere o que está bem e o que está mal, mas não fornece as soluções dos problemas, ou seja, não orienta o estagiários, apenas os situa quanto ao seu nível de desempenho.

Tal como quando um aluno põe uma dúvida, isso não o impede de alcançar, no final do ano, uma boa nota, quando um estagiário apresenta dificuldades de, por exemplo, controlar a disciplina de uma turma, isso não deveria contribuir para a sua nota final, mas sim constituir apenas um elemento que permite ao orientador intervir, ajudando o estagiário a resolver esse problema.

Quando esta situação não acontece e o orientador se limita a identificá-la, sem dar opções de correcção, está a comprometer, seriamente, o produto do processo de estágio. A função desta avaliação é, exactamente, a de contribuir para o sucesso do produto (Ribeiro, 1989).

Na verdade, o sucesso do produto não é determinado apenas pelo orientador. O estagiário também vai ter a sua influência nesse sucesso. O que pretendemos transmitir é que durante o processo de estágio deve existir um trabalho de equipa, entre estagiários e orientadores, tendo em vista a melhoria desse processo, com o objectivo de alcançar o sucesso do produto.

A melhoria do processo consegue-se através do treino, pelos estagiários, das diferentes tarefas que compõem o estágio e pela correcção, sugerida pelo orientador, de alguns erros que este detecte, através da avaliação formativa, no desempenho dessas tarefas.

Ribeiro (1989) diz-nos que este processo se desenrola da seguinte forma:

- definição dos comportamentos a treinar;
- treino desses comportamentos;
- recolha de informação e conseqüente feedback relativo ao desempenho do estagiário;
- modificação desse desempenho, com base no feedback transmitido.

Os comportamentos a treinar são definidos pelo orientador e pelos estagiários. O treino desses comportamentos cabe ao estagiários. A recolha de informação e o feedback engloba-se nas tarefas do orientador e é conseguida através da avaliação formativa. A modificação do desempenho compete aos estagiários.

Assim, este ciclo de «actuação-feedback-correcção-prática» deve ser respeitado e cumprindo até que o nível de proficiência desejado seja atingido (Smith, 1969).

Na verdade, este processo de estágio implica um trabalho de equipa, levado a cabo pelos estagiários e pelo orientador, em que a responsabilidade do sucesso do produto é de todos.

Para concluir este ponto podemos, então, dizer que o processo de estágio é constituído por várias fases:

- definir os objectivos educativos;
- desenvolver a avaliação formativa, a fim de detectar erros de desempenho;
- procurar as causas desses erros, com vista à sua correcção;
- procurar objectividade na classificação.

Verificamos que surge, nestas fases, um conceito novo, o de classificar. Com efeito, a avaliação formativa não substitui, nem dispensa a avaliação do resultado final. A esta avaliação do resultado chamamos avaliação somativa e é ela que nos permite classificar os alunos, ou, neste caso, os estagiários.

Vejamos, no ponto que se segue, o que se entende e para que serve a avaliação somativa.

4. Avaliação somativa

A avaliação somativa pretende ajuizar o progresso realizado pelo aluno, no final de uma unidade de aprendizagem, no sentido de aferir resultados já recolhidos por avaliações do tipo formativo e obter indicadores que permitam aperfeiçoar o processo de ensino (Ribeiro, 1989).

Com efeito, a avaliação somativa não é mais do que um balanço final de toda a actividade desenvolvida ao longo de todo o processo de ensino, ou, neste caso, do processo de estágio. Ela ocorre no fim do processo e permite:

- aferir os resultados da aprendizagem, ou seja, ajustar, confirmando, os resultados obtidos através da avaliação formativa;
- introduzir correcções no processo de ensino, ou seja, melhorar a intervenção e o *feedback* com vista a torná-los mais pertinentes e objectivos, num próximo processo;
- proceder à classificação dos alunos ou, neste caso, dos estagiários.

Torna-se importante referir que, embora a avaliação somativa permita classificar, ela é uma operação diferente da classificação (Ribeiro, 1989).

Quando procedemos a uma avaliação do tipo somativa devemos classificar os estagiários em função dos objectivos atingidos e não apenas pela quantidade de destrezas que ele domina. No entanto esta avaliação não deve apoiar-se apenas nas prestações finais mas também numa apreciação global do trabalho do estagiário.

Assim, podemos dizer que a avaliação formativa e a somativa permitem-nos recolher dados necessários à classificação dos estagiários. Embora seja a avaliação somativa que mais contribui para essa classificação, ela não faz sentido se primeiro não se efectuar a avaliação formativa.

O que queremos ressaltar aqui é que, as avaliações que o orientador faz ao longo do processo de estágio (avaliação formativa), são imprescindíveis e não têm como principal objectivo a classificação dos estagiários mas sim a recolha de informações que lhe permitam levar a cabo a sua tarefa de orientar. A avaliação somativa surge no final do processo, deve ter em conta a avaliação formativa e permite avaliar o produto e classificar o estagiário. Assim, verificamos que avaliação formativa e avaliação somativa são duas acções completamente distintas, e que avaliar e classificar não são a mesma coisa.

O ponto que se segue tem por objectivo esclarecer esta diferença.

5. Distinção entre avaliação e classificação

A avaliação é uma operação descritiva e informativa nos meios que emprega, formativa na intenção que lhe preside e independente face à classificação (Ribeiro, 1989).

A avaliação é uma operação indispensável em qualquer processo de ensino, o que não é o caso da classificação. Assim, enquanto a primeira pretende acompanhar o progresso do aluno, ao longo do seu percurso

de aprendizagem, identificando o que está bem e o que está mal, procurando as melhores soluções para corrigir os comportamentos deficientes, a segunda tem uma intenção selectiva e tem por objectivo seriar os alunos, ao atribuir-lhes uma posição numa escala de valores (Ribeiro, 1989).

Sem nos queremos repetir, podemos dizer que a avaliação permite controlar o processo de ensino-aprendizagem, ou o processo de estágio, tendo em vista o sucesso do produto, enquanto a classificação tem por objectivo «arrumar» os alunos, ou os estagiários, numa escala de valores, reflexo da sua prestação, e só pode acontecer se previamente tiver existido uma avaliação, quer formativa quer somativa.

Na verdade, verificamos que a avaliação tem por objectivo, orientar e regular o processo de aprendizagem, bem como certificar os níveis finais atingidos, comparando-os com os pretendidos (Lemos, 1988). A classificação surge como uma consequência do processo e, de certo modo, representa uma medida do produto, atingida pelo estagiário, e traduzida numa escala de valores.

Assim, a avaliação formativa, distingue-se da avaliação somativa, não só pelos objectivos que visa atingir, como pelo seu momento de ocorrência e é imprescindível no controlo do processo de estágio. A avaliação somativa ocorre no final do processo e avalia o produto, tendo em conta as informações recolhidas na avaliação formativa, ou seja, esta permite enriquecer aquela. A avaliação somativa, por sua vez, permite proceder à classificação dos estagiários. Nenhuma delas se pode confundir com classificação.

6. Conclusão

Para que o orientador possa exercer, de forma mais eficiente, a sua tarefa, deve, ao longo do processo de estágio, proceder a uma avaliação formativa. Esta tem como objectivo recolher informações necessárias à intervenção do orientador, tendo em vista a melhoria de desempenho dos estagiários. Não devemos confundir estes momentos de avaliação com classificação, ou seja, os comportamentos que se observam e avaliam não devem ter por objectivo classificar os estagiários mas sim corrigi-los, ajudando-os a aperfeiçoar a sua actividade.

No final do ano deve-se proceder a uma avaliação somativa, que só fará sentido se, ao longo do processo, tivermos efectuado a avaliação formativa. Esta avaliação vai permitir avaliar o produto e classificar o estagiário.

Seria bom que, cada um de nós ao atribuir uma nota a um estagiário, no final do estágio, pudesse estar tranquilo quanto à sua contribuição para esse resultado, ou seja, não basta dizermos que determinado estagiário tem uma nota fraquinha porque desempenha com dificuldade a

actividade pedagógica. É preciso que, ao colocarmos a questão — em que é que eu contribui para modificar, para melhor, essa intervenção? — possamos estar seguros de que ela não foi melhor por motivos inerentes ao estagiário, e não devido a uma deficiente orientação.

O que queremos transmitir, é que os orientadores devam empenhar-se em conduzir os seus estagiários a bom porto, uma vez que, de certo modo, está em jogo a sua capacidade de intervenção, ou seja, a sua orientação. Ao orientador cabe a tarefa de contribuir, efectivamente, para um melhor desempenho pedagógico dos estagiários, através de uma orientação tão eficiente quanto possível, cabendo aos estagiários o papel de se apropriarem dos conteúdos transmitidos e de se empenharem nas actividades de estágio, contribuindo, também, para o sucesso do produto.

Na verdade, a eficácia do orientador vai influenciar o sucesso do estagiário, e os dois vão determinar o sucesso do produto do processo de estágio.

A melhor forma de conseguirmos melhorar o processo e, conseqüentemente, o produto é respeitarmos e cumprirmos as regras de todo e qualquer processo de ensino-aprendizagem, ou seja, devemos:

- definir os objectivos a atingir;
- treinar as destrezas que permitam atingir esses objectivos (tarefa dos estagiários);
- controlar, avaliar e orientar o processo de estágio (tarefa do orientador, através da avaliação formativa);
- verificar quais os objectivos atingidos, no final do estágio, comparando-os com os pretendidos (tarefa do orientador, com base na avaliação somativa);
- classificar os estagiários, com base no seu desempenho (tarefa do orientador, com base nas avaliações formativa e somativa).

Resumindo, ao estagiário cabe a tarefa de desempenhar as tarefas de estágio e treinar as destrezas que lhe permitam uma melhoria de desempenho, e ao orientador cabe a tarefa de avaliar e corrigir os estagiários, ou seja, orientá-los, de facto, tendo como objectivo comum a profissionalização e a eficácia pedagógica dos futuros professores.

7. Referências bibliográficas

- LEMOS, V. (1988). *O Critério do Sucesso — Técnicas de Avaliação da Aprendizagem*. Lisboa. Texto Editora.
- RIBEIRO, L. (1989). *Avaliação da Aprendizagem*. Lisboa. Texto Editora.
- RIBEIRO, A. (1989). *Formar Professores — Elementos para uma Teoria e Prática da Formação*. Lisboa. Texto Editora.

- DOMINGOS, A. *et al* (1987). *Uma Forma de Estruturar o Ensino e a Aprendizagem*. Lisboa. Texto Editora.
- SMITH, B. (1969). *Teachers for Real World*. Washington, D. C.: The American Association of Colleges for Teacher Education (*Apud* Ribeiro, A. 1989).